

De “Musa da Ática” à Tucídides “*Manquê*”: um ensaio historiográfico sobre a construção da imagem de Xenofonte.

CLEYTON TAVARES DA SILVEIRA SILVA*

Poucas são as fontes que nos legou o tempo acerca de Xenofonte. O testemunho de Diógenes Laércio e trechos das obras do próprio Xenofonte compõem o ponto de partida deste e de outros trabalhos (LIPKA, 2002). Em seus textos Xenofonte não falou tanto de si, a não ser no autobiográfico *Anabasis* (ANDERSON, 1974; HUMBLE, 2002). Porém, escreveu bastante sobre seu tempo e sobre aqueles com os quais convivera. Mesmo assim, há pouco material sobre a vida deste soldado, economista, filósofo, caçador e cavaleiro, mas que tem suscitado ativos debates¹. Por outro lado, a vasta pesquisa realizada por estudiosos, principalmente tradutores e lingüistas, desde, ao menos, o século XVI, até a contemporaneidade, nos possibilitam, hoje, construir uma imagem cada vez mais clara a respeito de Xenofonte, já que estes estudos, essencialmente em línguas inglesa, francesa e alemã, são baseados em toda uma tradição clássica preexistente nos países europeus, cuja prática de leitura, interpretação e tradução de textos latinos e de língua grega remonta ao À época anterior ao Renascimento, assim como há toda uma ressignificação e apropriação das culturas grega e latina por parte dos europeus (HARTOG, 2003).

Nossa proposta neste texto ambiciona estabelecer como a imagem de Xenofonte é produzida atualmente, mas para tanto, nos debruçaremos sobre textos do século XX. Tal escolha é metodológica, já que entendemos que este século marca um contato tênue com a historiografia do século anterior, mas que, ao longo do tempo, estabeleceu uma ruptura, no caso rupturas, sobre as formas do olhar para o passado, seja através de elementos metodológicos, seja sobre o conceito de documento. Enfim, pretendemos produzir um quadro demonstrativo a respeito da historiografia que analisou Xenofonte. Sobre Xenofonte ainda será necessária mais uma discussão, que permeia não mais a época Clássica, e sim o século XIX enquanto centro produtor das representações a respeito da Antiguidade.

* Doutorando em História do PPGH/UFF.

¹ Alguns exemplos de debate: DELEBECQUE, 1957; RAHN, 1964; ANDERSON, 1974; HIGGINS, 1977; DILLERY, 1995; HUMBLE, 1997; LA FORSE, 1997; TUPLIN, 1999; MOURA, 2000; LIPKA, 2002.

É nesta época que grande parte das imagens recorrentes da antiguidade para os nossos olhos contemporâneos são produzidas, é o que trata o texto *Black Athena: the Afroasiatic roots of classical civilization* do historiador Martin Bernal (1987). No primeiro volume, o referido autor analisa como se processa a construção da imagem da Grécia Antiga nas academias européias e estadunidenses do século XIX, a partir tanto das correntes românticas, como das academicistas.

Esse debate com o XIX se deve para que possamos compreender como Xenofonte é lembrado até hoje. Como e através de que elementos, a imagem do ateniense chega ao nosso tempo, já que estas opiniões não são, digamos positivas: em Niebhur “sua história não vale nada, é falsa, escrito sem cuidado, perfeitamente descuidado” ou mesmo Grote “passar de Tucídides à Helênica de Xenofonte é uma queda verdadeiramente triste” (CARTLEDGE, 2002, p. 223). Mas, como aponta o próprio Cartledge, os revisionistas, incluindo Higgins, tentam perceber Xenofonte a partir de sua própria “luz”. Mas mesmo assim, na fala de Cartledge, para ele Xenofonte continua sendo uma espécie de Tucídides *manqué*, fracassado.

Xenofonte e a historiografia: de “Musa da Ática” a Tucídides “Manqué”

Entre as várias camadas analíticas sobre a vida de Xenofonte esta é sem dúvida uma das mais importantes. Aqui pretendemos apontar com se recebe Xenofonte na atualidade, para isso faremos um histórico das leituras a respeito do autor. Não é nosso objetivo estabelecer de maneira total e completa todas as obras que abordem o tema, como faz Luis L’Allier e René Venne², mas, apontar algumas camadas discursivas sob as quais Xenofonte chega ao presente. Adotaremos a década de 1930, já que entendemos que as construções sobre a imagem de Xenofonte passam a ser sistematicamente organizadas a partir desta década.

Nos anos 1930, se dá o início de uma longa e árdua proposta, a de estabelecer novos olhares sobre Xenofonte. Sem dúvida, um dos primeiros a construir, produzir tal raciocínio foi Leo Strauss. Em seu *The Spirit of Sparta or the taste of Xenophon* ele aponta a necessidade de ampliar o campo de observação de Xenofonte, destacando o imperativo de se percebê-lo

² Luis L’Allier é professor da Université Laurentienne, junto a René Venne, aluno da mesma universidade estabeleceram em 2008 uma bibliografia completa que traz 1170 citações de textos sobre o autor em várias línguas.

através do público e escrita, mas levantando uma dúvida interessante, não seria uma irônia de Xenofonte?

Já nos de 1950, a academia francesa recebera alguns trabalhos que envolviam, direta ou indiretamente, temáticas ligadas a Xenofonte. Em 1957, Édouard Delebecque publica seu *Essay sur la Vie de Xénophon*, texto de certa forma conservador, manteve uma perspectiva produzida nos últimos anos do século XIX e cultivada por autores do XX, criticar Xenofonte por ser, em seus próprios dizeres, simplista e superficial (HUMBLE, 2002). Mesmo antes, Jean Luccioni publicara seu *Les Idées Politiques et Sociales de Xénophon*.

Em 1954, Jean Luccioni publica seu *Xenophón et le socratisme*. Questionando as leituras até então feitas sobre Xenofonte, Luccioni analisa o caráter prático empregado por Xenofonte ao falar sobre seu mestre, Sócrates, como comentara Lucien Febvre:

Onde, quando, como, por quanto tempo ele Xenofonte participou do círculo de Sócrates? Mistério. E, no entanto, o autor do Anábasis tem feito muito para tornar seu mestre popular, e divulgar algumas de suas idéias essenciais ao longo do tempo e até mesmo em nosso próprio tempo. O Sócrates de Xenofonte é um reflexo do próprio Xenofonte: é o de um soldado, um proprietário de um economista - e certamente não de um filósofo (tecnicamente falando). Em uma palavra, Xenofonte legou para a posteridade as boas faces de Sócrates. O que os filósofos especializados procuram no alto. Os historiadores o fazem em baixo. (FEBRVE, 1954)

Em 1969, Peter Rahn publica sua tese sob o título *The Development of Xenophon's Political Ideas*, pesquisa iniciada na University of British Columbia em 1962. O texto dá conta do desenvolvimento das idéias políticas de Xenofonte, em *Helênicas*, concluindo que Xenofonte não tem uma imagem política estática, pelo contrário entende que os conceitos políticos de Xenofonte estão em constante modificação assim que se colocam diante de realidades políades distintas. A análise de Rahn parte de dois pontos de vista específicos, uma admiração aristocrática em relação ao herói guerreiro, e a *Philantropia*, a atitude de desligamento das coisas materiais. Texto de certa forma inovador para sua época, mas um tanto despretensioso.

Em 1974, J. K. Anderson publica *Xenophon*. Para o autor, Xenofonte é o único entre os filósofos que tem adornado a filosofia em ambos os lados, na retórica e na prática. Se por um lado, Xenofonte escreve sobre a moral em seus textos, por outro demonstra um linguajar técnico e específico. Para Anderson, os olhares sobre Xenofonte remontam à antiguidade, Alexandre, e Jasão de Pharae estariam entre seus leitores mais assíduos. E Xenofonte fora alvo de escritos, tanto por Eunapios, em *A vida dos Filósofos e Sofistas*, além de Arriano, que se autodenominou “Xenofonte, o Jovem”.

Para Anderson (1974, p. 2), a filosofia de Xenofonte é uma mistura de um senso comum (uma prática deste juízo) e uma moralidade tradicional combinada a uma piedade que é tão facilmente disseminada como tolice e superstição ou como vã repetição de rituais religiosos. Esta crítica denunciada por Anderson também é acompanhada das acusações comuns que são feitas a Xenofonte e seus trabalhos: que comete erros e omissões, por sua parcialidade sobre Esparta, mas grifo nosso, em *Anabásis*, por exemplo, não há exaltação nenhuma aos espartanos, por outro lado há uma crítica, quando querem assumir o controle da tropa de maneira opressiva.

Para Anderson, esse tipo de crítica é superada, mas aceita. Para ele, Xenofonte é em seu melhor, um excelente contador de histórias e, se não oferece uma geral e profunda reflexão sobre a personalidade e comportamento humano, nos possibilita ótimos retratos, quadros particulares, individuais. Para Anderson, os textos de Xenofonte contêm diversos exemplos utilizados para ilustrar o que para ele são comportamentos honrosos e desonrosos.

A “alta reputação” que Xenofonte aproveitara no Ocidente, para Anderson, assim como em outros lugares, fora resultado pela busca do aprendizado do grego a partir do século XVI. Xenofonte teria sido receitado a diversos casos devido a sua forma simples e direta de escrita, uma ótima oportunidade para leitores em processo de aperfeiçoamento na língua grega. Além disso, devido ao caráter virtuoso, além de uma moralidade convencional, Xenofonte fora utilizado como texto escolar. Um bom exemplo da utilização dos textos de Xenofonte, é o caso de Aquilino Ribeiro, português que durante o século XIX traduziu, por exemplo, *Anabásis*, que no prefácio de sua edição de 1957, comenta que fora seu professor de grego que lhe indicara a leitura de Xenofonte.

No século XVI *Econômico* é traduzido para o inglês por Gentian Harvet, um francês a serviço de Margaret, a condessa de Salisbury. Já no século XVIII, Xenofonte passa a ser lido enquanto um pensador político, já que a guerra moderna o retirara da memória dos combatentes.

Por fim, em idos do século XIX, as críticas feitas a Xenofonte são sintomas de uma modificação do comportamento dos Classicistas do período. Cada vez mais específico, fugindo do público em geral, o que para Anderson (1974, p. 8), “tornaram os problemas de Xenofonte cada vez mais aparentes, e suas virtudes cada vez menos apreciadas”.

“Nossa idade é certamente cega para a grandeza de Xenofonte”. A perspectiva apontada por Leo Strauss resume um pouco o direcionamento de William Edward Higgins. Publicado em 1977 *Xenophon the Athenian: The problem of the individual in the Society of the Polis* procura eliminar uma leitura pré-concebida dos nossos olhos. Higgins aponta um Xenofonte que apresenta-se sutil, um escritor consciente, que colhendo o que o mestre de sua juventude havia semeado demonstra uma grande simpatia, nas entrelinhas, o que Higgins considera ser a ironia socrática.

A proposta do texto é amplamente discutida, pois ele começa argumentando que em Xenofonte há:

todos os [seus] variados esforços literários são fruto da compreensão da relação entre o indivíduo e polis” (p. 12) e conclui com a sugestão de que se tratava de reincorporação de Xenofonte na polis de Atenas durante a última década de sua vida que “inspirou a sua avaliação do individualismo e da vida política (p.132).

Além disto, o autor se impõe enquanto representante de uma nova forma de ver Xenofonte, pois ele afirma que “do verão de 1975 em diante (data de seu estudo), nada de relevante fora produzido a respeito de Xenofonte” (HIGGINS, 1977, p. 12).

Para Higgins, a filosofia de Xenofonte é pouco mais do que o senso comum disfarçado por um verniz de vez fluente da dialética socrática, e suas simpatias, político não menos do que intelectual, não estava no ambiente especulativo de pós- Sofista de Atenas, mas sim com

o Peloponeso pragmático de Agesilau, uma clientela aristocrática e laconófila (CARTLEDGE, 1979).

Higgins é um bom representante de uma nova geração de classicistas, seu estudo tem méritos marcantes, de abrangência principalmente, mas, como afirma Paul Cartledge, ele tende a enfraquecer a imagem filosófica de Xenofonte, na construção de uma posição somente menos extrema que a de seus críticos. Assim, todos provavelmente concordariam com ele que o Anabásis não é apologia pura, que Ciropédia não é meramente uma alegoria histórica, e que Helênicas não é essencialmente um elogio encoberto a Esparta de Agesilau. Neste sentido Higgins deixa de lado elementos preciosos, por exemplo, enquanto mostra o julgamento de Edward Gibbon sobre Anabásis como “Original e autêntica”, ele deixa de citar outra frase no mesmo texto, Ciropédia como “vaga e lânguida”.

Durante os anos de 1980 o alvo dos revisionistas passou de Xenofonte a Esparta, e somente nos anos de 1990, outros trabalhos questionando a historiografia sobre o papel de Xenofonte passaram a ser produzidos, notadamente os de John Dillery e Noreen Humble, publicados em 1995 e 1997.

Xenophon and The history of his times, foi publicado em 1995, pela editora Routledge, por John Dillery, professor associado do departamento de Clássicos da Universidade da Virgínia, nos EUA. O trabalho de Dillery consiste no debruçar calmo e paciente sobre as Helênicas, a narrativa histórica de Xenofonte que expõe a segunda etapa da sangrenta Guerra do Peloponeso, a partir de um viés amplo, o de Xenofonte, sua proposta concerne na tentativa de esclarecer o tempo, ou seja, a época na qual Xenofonte vivera, através dos seguintes questionamentos: “Como entender Xenofonte e a história de seu tempo? Como podemos reconstruir sua visão? Será que outros, contemporâneos de Xenofonte pensavam o mundo de uma maneira semelhante?” (DILLERY, 1995, p. 3)

Sua discussão é guiada sobre as *Helênicas* através de uma suposição que lhe é crucial, que para qualquer entendimento, existiu uma grande influência sobre Xenofonte, a influência de três homens, especificamente, além de vários eventos importantes que ocorreram na vida do ateniense.

“Eu acredito que, se devo ou não, ele era um estudante genuíno de Sócrates, Xenofonte pensou em si mesmo como um seguidor do mestre, e, ainda, que o que ele pensava sobre o comportamento certo e o errado” (DILLERY, 1995, p. 5). Para Dillery, é importantíssimo que se deva levar em consideração de Xenofonte sobre seus próprios comportamentos, por exemplo, no que ele acreditava que ele aprendeu com o filósofo.

Para Dillery (1995) Ciro, o Jovem, com quem Xenofonte serviu, na malfadada tentativa de tomada do trono da Pérsia de seu irmão, exerceu uma profunda influência sobre Xenofonte. Provavelmente, esse formou muitas de suas noções sobre boa liderança a partir do príncipe persa, mesmo se o homem real não se adequava a esses ideais.

O último personagem na vida de Xenofonte foi o rei Agesilau de Esparta. Xenofonte havia servido com ele, assim como fizera com Ciro, mas Agesilau o ajudou a destilar em sua mente o que o levou a ser um bom líder de homens, ele veio também para simbolizar para Xenofonte a excelência da forma de vida do espartano. No entanto, para além destes exemplos positivos, Agesilau também se tornou o foco da crítica de Xenofonte sobre as falhas dos Espartanos, durante os anos de Paz do rei. Apesar de escrever uma biografia bastante elogiosa sobre Agesilau, Xenofonte não deixou de usá-lo como exemplo para a desagregação do amplo domínio que Esparta gozou sobre a Hélade. Para Dillery, através de Xenofonte, Esparta que foi precipitada por suas ambições como um poder imperial. Para Dillery, isso deve ter sido no mínimo doloroso para Xenofonte, visto que além de amigo Agesilau fora seu patrono, através dele Xenofonte recebeu dos espartanos uma propriedade perto de Olímpia, em Escilunte, mas isso, para Dillery (1995), comprova sua tentativa de entender a história da sua época, mesmo se imperfeitamente realizado.

A obra *Xenophon's view of Sparta* foi publicada em 1997, como requerimento para o Ph.D. de Doreen Humble, na MacMaster University no Canadá. Ele tem como objetivo inicial fazer uma análise ampla a respeito da visão de Xenofonte sobre Esparta, para tanto lança mão da análise de três textos, que entende emblemáticos a tal empreitada: Anabásis, Helênicas e A Constituição do Lacedemônios.

Ela estabelece alguns tópicos que norteiam seu texto, primeiro: ela entende que Xenofonte está longe de ser ingênuo, ele apesar de apreciar, admirar

determinados tópicos da política espartana, ele vê problemas e reconhece críticas; segundo, para mostrar que *Xenofonte* é consistente e equilibrado em sua representação dos Espartanos ao longo de suas obras, sem alteração significativa durante o período de sua produção literária. O foco é sobre essas obras em que a figura mais proeminente são os espartanos: *Anabasis*, *Helênicas* e *A Constituição do Lacedemônios*” (HUMBLE, 1997, p. 3); mas, *Agésilau* e *Ciropédia* são tratados na medida em que eles se complementam e auxiliam no esclarecimento às questões em debate .

Nos capítulos iniciais a autora aponta como tem sido construída a imagem de Xenofonte, e como ela carece de elementos, a pouca certeza sobre Xenofonte e a cronologia dos trabalhos relacionados. A autora defende, “que esta falta de evidência factual abriu o caminho para que os estudiosos tirassem conclusões imprecisas e enganosas, especulações de apoio à visão tradicional de que Xenofonte é acriticamente pró- espartano”. (HUMBLE, 1997, p. 3)

Nos capítulos adiante, vários líderes espartanos são examinados, em *Anabasis* e *Helênicas*, com relação às qualidades que Xenofonte acreditava que um bom líder deveria possuir. Conclui-se que Xenofonte não visualiza os espartanos de maneira óbvia em quaisquer dos trabalhos, elogios e críticas são distribuídos com a devida proporção.

O quinto capítulo considera a *Constituição dos Lacedemônios* com ênfase sobre os aspectos do estilo de vida espartano que dizem respeito mais diretamente sobre o funcionamento das líderes de Esparta. A visão padrão do trabalho como meramente elogiosa é desafiada e sua finalidade é reavaliada. A autora defende que “Xenofonte simplesmente apresenta uma análise das leis espartanas e instituições que acreditava terem permitido a Esparta subir para preeminência no mundo grego”, (HUMBLE, 1997, p. 3) ele não afere aqui um modelo, seguir as leis espartanas levará à prosperidade e desenvolvimento, não é isso. Mas Humble encerra defendendo a coerência entre as atitudes de Xenofonte e as imagens de Esparta expostas em seus textos.

Em 1997, B.M. Laforse, publica sua tese: *Xenophon and the Historiography of Panhellenism*, pela Universidade do Texas. O texto do estadunidense critica de maneira completa essa prática da utilização de dados biográficos, cuja veracidade é bastante

questionável, para através delas perfazer raciocínios e julgamentos sobre as visões de Xenofonte:

[...] é instrutivo examinar o que é conhecido sobre a vida de Xenofonte e que pode ou não ser razoavelmente inferida a partir de poucos e certos detalhes. Ao mostrar a incerteza em torno de muitos dos fatos chamados biográficos, as diferentes conclusões que foram retiradas, e o perigo de aplicar noções preconcebidas para eles e depois usá-los como evidência para essas noções pré-concebidas, é possível ver onde algumas das avaliações mais incisivas e negativas de Xenofonte terem vindo [...], e, conseqüentemente, evitar tanto quanto possível cair na mesma armadilha. (LAFORSE, B.M. Apud. HUMBLE, 2002, p. 69).

Em julho de 1999 foi organizada uma conferência Internacional para o debate sobre Xenofonte e sua obra em Liverpool, organizada por Christopher Tuplin tal evento, possibilitou debates entre as mais diversas perspectivas nos estudos atuais sobre a imagem de Xenofonte, e análise sobre suas obras. Um dos frutos deste conjunto de palestras foi a organização de *Xenophon His World*, editado por Christopher Tuplin. A proposta do debate, longe de ser uma força tarefa com o intuito de estabelecer um relatório sistemático sobre Xenofonte, nem mesmo realizar uma reunião ensimesmada sobre Xenofonte, possibilita ao público uma visão sobre temas importantes e novas disposições sobre Xenofonte e sua obra, seu mundo. Para dar cabo de tal empreitada, participaram do encontro diversos especialistas do tema, produzindo apresentações em várias línguas, a saber: alemão, italiano, francês e inglês. Propõe-se aqui apresentar os textos, e explanar a respeito daqueles que entendemos mais frutíferos ao debate que faz-se aqui.

A nota introdutória produzida por Tuplin faz breve histórico dos debates propostos sobre Xenofonte, mas antes, expõe de maneira incipiente uma apresentação das áreas de interesse de Xenofonte, destacando seus ensaios históricos e sua recepção, principalmente entre estudiosos anglo-saxões. Após esta explanação inicial, ele faz uma breve reflexão sobre a disposição dos capítulos. As conferências se tornaram artigos, e foram organizadas a partir dos respectivos temas, que são: "a vida de Xenofonte", "Xenofonte e Sócrates", "Xenofonte e o mundo bárbaro", "Esparta", "Religião e Política", "Anabasis" e "Helênica". Expor cada um deles seria desnecessário, e nos custaria modificar a rota que se tem empreendido até aqui. Propõe-se, então, traçar um breve comentário dos textos, a fim de produzir um horizonte de

imagens estabelecidas, discutidas, analisadas, enfim, expostas no texto.

Em "A Vida de Xenofonte", estão inclusos os artigos de Ernst Badian, *Xenophon the Athenian*; de Martin Dreher *Der Prozess gegen Xenophon*; e *Senofonte em la Sicilia* de Marta Sordi. Ernst Badian debatendo a questão da utilização clássica de Xenofonte alerta quanto à problemática da tradição clássica em relação ao tema, principalmente em relação à contribuição de Diógenes Laércio.

Para Badian, *Xenofonte o Ateniense*, muito do que se sabe sobre Xenofonte é fruto de conjecturas, e portanto, de especulações. Ele propõe ainda um desligamento total e abrupto com as visões mais antigas, além disso, também aponta novas ideias sobre o exílio de Xenofonte. Para ele, os atenienses exilaram Xenofonte após sua decisão de permanecer em Esparta algum depois da batalha em Coronéia. Para Badian, Xenofonte retornou, e morreu em sua propriedade rural de Escilunte, com base em citação de Pausânias, anos depois, que inclusive disse ter visto uma tumba que se atribuía a Xenofonte (Pausanias 5.6.5). "Badian baseia essa hipótese no fato de que Xenofonte usa tempos presentes e perfeito em sua descrição da fauna e flora do templo de Artemis situados em sua propriedade" (STANKE, 2006, p. 01). Badian cai na mesma problemática que ele mesmo critica, entra no campo da suposição, do palpite, e apesar de se demonstrar crítico às fontes, grifo nosso, acredita muito em Pausânias, que teve o privilégio, séculos mais tarde de conhecer a região.

Martin Dreher em *Der Prozess gegen Xenophon, Julgamento de Xenofonte*, constrói de maneira mais direta os elementos presentes na obra de Xenofonte sobre seu julgamento e condenação a uma morte social, o exílio, diferentemente de Badian, Dreher se mostra mais cauteloso ao uso de suposições, para ele, os trechos devem ter sido escritos enquanto memórias do velho Xenofonte, por volta do ano 360. Por fim, Marta Sordi nos informa a respeito de *Xenofonte na Sicília*. Sua proposta é mostrar, através de o *Ateneu*, que Xenofonte foi à Sicília e, enquanto líder dos mercenários contratados por Dioniso, um tirano local.

O capítulo "Xenofonte e Sócrates" se inicia com *A missão socrática de Xenofonte* de Robin Waterfield. A proposta é produzir uma crítica à historiografia dos últimos 80 ou noventa anos, que detratou os textos de Xenofonte, tratando-o como um Platão *Manqué*, fracassado. Waterfield propõe a tese que, pelo contrário, Xenofonte é um autor original, cujas

relações com o círculo socrático lhes possibilitou a formação de um pensamento prático e usual, e assim ele é um verdadeiro socrático.

No texto *Kalokagathia e kaloikagathoi*³ em Xenofonte de Fabio Roscalla, a proposta é o estabelecimento de um paradoxo entre a visão de Xenofonte e de Platão em relação à prática, a *Kalokagathia*, e aqueles que a exercitam, os *kaloikagathoi*, destacando o caráter distinto que Platão atribuí à esta condição dos bons cidadãos; por fim, em *Sophon Eros: Xenophon's Ethical Erotics, Sexo comedido: A ética erótica de Xenofonte*, Clifford Hindley discute a questão da pederastia física para Xenofonte, questionando principalmente a visão de repúdio pelo contato físico exposto por Xenofonte, como de Sócrates. Sua proposta é reexaminar esta perspectiva tradicional através de três vias analíticas: a) uma desinibida autoindulgência, tipificada por Crítias; b) um desqualificado celibato, ao que parece, praticado por Sócrates; e por fim, uma terceira via, c) o caminho da moderação, atribuído a Critóbulo e a Hieron.

O capítulo, *Xenophon an the Barbarian world*, é composto pelos artigos de Vincent Azoulay, *The Medo-Persian Ceremonial: Xenophon, Cyrus and the King's Body, O cerimonial Medo-Persa: Xenofonte, Ciro e o corpo do Rei; e Xenophon et la vassalite achemenide, Xenofonte e a vassalagem Aquemênida* de Thierry Petit. No primeiro texto, Azoulay ressalta a transformação no olhar de Xenofonte sobre Ciro à medida que o último ao chegar à Babilônia demonstra o desejo de ali fazer-se Rei, investindo-se da pompa do leste, fazendo usufruto dos luxos e confrontos do costume Persa. Para Azoulay, a percepção de Xenofonte aqui deve ser analisada através de um estudo amplo, que leve em consideração o contexto no qual escreve. Já Thierry Petit, constrói uma perspectiva analítica, bastante teórica, sobre a questão da vassalagem para o mundo ocidental e os usos desta expressão, e do sentido, para análise de outros conjuntos culturais, como o Japão, e a questão do Império Persa e suas relações com os povos conquistados.

O capítulo *Sparta*, Esparta, é composto pelos artigos de duas historiadoras, de Sarah B. Pomeroy, *Xenophon's Spartan Women (A Mulher Espartana de Xenofonte); The Author, Date and Purpose of Chapter 14 of the Lakedaimonion Politeia* (O Autor, data e uso o

³ O termo *Kalokagathia*, assim com o derivado *kaloikagathoi*, são fruto da justaposição da expressão *Kalói kai Agathói*, em uma tradução literal, *os belos e bons*, mas traduzido como *virtuosos*. A virtude aqui aparece como um conjunto de características, não somente de personalidade e ou beleza, mas atributos sociais e políticos.

Capítulo 14 da Constituição dos Lacedemônios) de Noreen Humble. Sarah Pomeroy faz uma análise de como Xenofonte trata a imagem da mulher espartana, principalmente na Constituição dos Lacedemônios, ela destaca ainda o valor de seus textos, em relação à Esparta, devido a ser o único autor do período clássico a viver entre os espartanos, para ela, a constituição da mulher de Esparta se deve ao contato que ele tivera com os homens, na Ásia, com Agesilau, e depois em Escilunte. Já Humble, discute a problemática do capítulo 14 de a *Constituição dos Lacedemônios*, o que é uma questão altamente controversa entre os especialistas sobre Xenofonte. Em todos os capítulos Xenofonte produz um relatório sobre os usos e costumes dos espartanos e como eles têm dado à Esparta estabilidade e sucesso, por outro lado, no capítulo nº 14, uma série de críticas são produzidas sobre a cidade, para muitos especialistas este trecho fora colocado posteriormente junto ao volume. Para Humble (1999), as censuras presentes no capítulo, pelo contrário, apontam o caráter crítico de Xenofonte ao descrever a cidade. Para ela, Xenofonte não fora cego às problemáticas espartanas, e inclusive crítica ações de espartanos em outras obras.

Apesar da vasta produção que explicitamos até aqui, a imagem de Xenofonte ainda precisa ser revista. Muito do que se escreve é muito mais fruto da criatividade especulativa dos historiadores que das fontes da antiguidade. Por outro lado, entendemos que o estudos das fontes, por mais, ou mesmo abundantes que sejam, não corroboram à produção de uma verdade final, absoluta, mas nos permitem visualizar mais elementos do passado e através da análise destes dados, materiais ou escritos, podemos produzir verdades, no plural.

A obra de Xenofonte se encaixa em um período conturbado, época na qual o sistema políade recebe grandes reveses e passa a receber mais atenção. Quanto ao estilo, entre os autores posteriores à Tucídides muito se pode achar da influência do ateniense. A questão política continua sendo privilegiada, mas especificamente, o pensamento a respeito de uma política contemporânea. A grande questão é estabelecer uma, ou a natureza do estado, através dos estudos das constituições das póleis entender como as comunidades dos cidadãos se estabelecem no período, no intervalo de finais do V século e início do IV. Mais até, é uma questão valorativa, estabelecer qual das constituições é a melhor. O estudo das *repúblicas* perpassa necessariamente um olhar sobre o presente, mas com a perspectiva de passado. Através do passado entendemos o processo de formação da comunidade hoje. Poderíamos

destacar Xenofonte como um dos que inaugura tal metodologia, outros autores também se dedicaram ao tema, mas somente as obras de Xenofonte restaram aos nossos dias⁴.

Fontes/ Referências Bibliográficas

ANDERSON, J.K.. *Xenophon*. London, 1974.

AZOULAY, Vincent. The Medo-Persian Ceremonial: Xenophon, Cyrus and the King's Body. IN.: TUPLIN, Christopher. *Xenophon and his World. Papers from a conference held in Liverpool in July 1999. Historia Einzelschriften, 172*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004. P. 147-176.

BADIAN, Ernst. *Xenophon the Athenian*; Martin Dreher *Der Prozess gegen Xenophon* IN.: TUPLIN, Christopher. *Xenophon and his World. Papers from a conference held in Liverpool in July 1999. Historia Einzelschriften, 172*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004. P. 33-54.

BERNAL, Martin. *Black Athena: Afroasiatic Roots of Classical Civilization*. Vol. 1: The Fabrication of Ancient Greece 1785-1985. New Brunswick, NJ/USA: Rutgers University Press, 1987.

BOWDEN, H. Xenophon and the Scientific Study of Religion. IN.: TUPLIN, Christopher. *Xenophon and his World. Papers from a conference held in Liverpool in July 1999. Historia Einzelschriften, 172*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004. P.229-246

CARTLEDGE, Paul. *Agesilaos and the Crisis of Sparta*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1987

_____. *Sparta and Lakonia: a regional history 1300 to 362 BC*. London: Routledge, 2002.

CHRIMES, K. M. T. *Ancient Sparta: A Re-examination of the Evidence*. New York: Philosophical library Inc., 1953

_____. *The Respublica Lacedaemonorum ascribed to Xenophon*. Manchester: University Press, 1948

DELEBECQUE, Édouard. *Essay sur la Vie de Xénophon*. Paris: C. Klincksieck, 1957.

DILLERY, John. *Xenophon and The history of his times*. New York: Routledge, 1995.

⁴ Me refiro ao intervalo entre Xenofonte e Aristóteles.

DREHER, Martin. Der Prozess gegen Xenophon. IN.: TUPLIN, Christopher. *Xenophon and his World. Papers from a conference held in Liverpool in July 1999. Historia Einzelschriften, 172.* Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004.p. 55-71.

FEBVRE, Lucien. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations.* Année 1954, Volume 9, Numéro 4, p. 547. Consultado em Persée [http://www.persee.fr/web/\[\...\]Xenoph%C3%B3n&words=100&words=140&words=free](http://www.persee.fr/web/[\...]Xenoph%C3%B3n&words=100&words=140&words=free). Consultado em 21 /01/2011.

GIBBON, Edward. *Declínio e queda do império romano.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

_____. *Os Antigos, o Passado e o Presente.* Brasília: Ed. UNB, 2003.

HIGGINS, William Edward. *Xenophon the Athenian: the Problem of the Individual and the Society of the Polis.* Albany: State University of New York Press, 1977.

HINDLEY, Clifford. Sophron Eros: Xenophon's Ethical Erotics. IN.: TUPLIN, Christopher. *Xenophon and his World. Papers from a conference held in Liverpool in July 1999. Historia Einzelschriften, 172.* Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004.

HUMBLE, Norren. *Xenophon's view of Sparta: a study of the Anabasis, Hellenica and Respublica Lacedaemoniorum.* Doctor of Philosophy . McMaster University, 1997

_____. The limits of biography: the case of Xenophon. IN.: SIDWELL, Keith (ed.). *Pleiades Setting: Essays for Pat Cronin on his 65th birthday.* Department of Ancient Classics: University College Cork, 2002. P. 66-87. Disponível em: http://www.ucc.ie/en/classics/deptpublication/pleiades_setting.pdf Consultado em 14/02/2012

_____. The Author, Date and Purpose of Chapter 14 of the *Lakedaimonion Politeia.* IN.: TUPLIN, Christopher. *Xenophon and his World. Papers from a conference held in Liverpool in July 1999. Historia Einzelschriften, 172.* Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004. P. 215-229.

LAFORSE, B.M. *Xenophon and the Historiography of Panhellenism.* Doctor of Philosophy. University of Texas, 1997.

L'ALLIER, Luis; VENNE, René. *Bibliographie Complète de Xénophon D'Athènes.* Disponível em: http://www3.sympatico.ca/lallier.louis/Bibliographie/Bibliographie_complete_xenophon.pdf. Consultado dia 15/05/2012

LIPKA, Michael. *Xenophon's Sparta Constitution: Introduction. Text. Commentary*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2002.

LUCCIONI, Jean. *Les Idées Politiques et Sociales de Xénophon*. Paris: Ophrys, 1940

_____. *Xénophon et le socratisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1953

POMEROY, Sarah B. *Goddesses, whores, wives, and slaves : women in classical antiquity*. New York: Schocken Books, 1995.

_____. Xenophon's Spartan Women. IN.: TUPLIN, Christopher. *Xenophon and his World. Papers from a conference held in Liverpool in July 1999. Historia Einzelschriften, 172*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004. P. 201-214

_____. *Spartan Women*. Oxford: Oxford University Press, 2002. Reviewed by Nicholas F. Jones, 2006

RAHN, Peter. *The Development of Xenophon's Political Ideas*. Doctor of Philosophy. University of British Columbia, 1969. Disponível em: https://circle.ubc.ca/bitstream/handle/2429/35627/UBC_1969_A8%20R35.pdf?sequence=1. Consultado em 15/03/2012

ROSCALLA, Fabio. Kalokagathia e Kaloikagathoi em Xenofonte. IN.: TUPLIN, Christopher. *Xenophon and his World. Papers from a conference held in Liverpool in July 1999. Historia Einzelschriften, 172*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004. P. 115-124

SORDI, Marta. Senofonte e la Sicilia. IN.: TUPLIN, Christopher. *Xenophon and his World. Papers from a conference held in Liverpool in July 1999. Historia Einzelschriften, 172*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004. P. 72-79.

SPRAWSKI, S. Were Lycophron and Jason Tyrants of Pherae? Xenophon on a History of Thessaly. IN.: TUPLIN, Christopher. *Xenophon and his World. Papers from a conference held in Liverpool in July 1999. Historia Einzelschriften, 172*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004. P. 437-452

STRAUSS, Leo. The Spirit of Sparta or the Taste of Xenophon. *Social Research*, 6:1/4 (1939)